

Prefácio

Com a coletânea *Winnicott na Escola de São Paulo*, comemoramos o décimo aniversário da fundação, em 2001, do Centro Winnicott de São Paulo (CWSP). Várias outras datas, relativas a iniciativas afins que também empreendemos em conjunto, merecem ser associadas a essa comemoração: o início, em 1995, da série ininterrupta de Colóquios Winnicott de São Paulo, de caráter internacional; a criação formal, também em 1995, na PUC-SP, do Grupo de Pesquisa em Filosofia e Práticas Psicoterápicas (GFPP), credenciado junto ao CNPq e hoje sediado na Unicamp; o lançamento, por esse grupo, em 1999, da revista *Natureza humana*. Em 2003, o CWSP abriu a Escola Winnicottiana de Psicanálise, transformada, em 2005, em filial da Sociedade Brasileira de Psicanálise Winnicottiana (SBPW), fundada nesse mesmo ano com o objetivo de promover o estudo e o desenvolvimento da psicanálise winnicottiana, bem como a formação de profissionais que desejam atuar nesse quadro teórico e clínico. Em 2008, a Sociedade Winnicott ganhou sede própria em São Paulo, que hoje abriga, além da Escola, a DWW editorial, a editora da Sociedade. Já em 2006, foram criados os Centros Winnicott do Triângulo Mineiro e de Campinas, os quais, junto com os mais recentes Grupos Winnicott de Lorena e Belo Horizonte, desenvolvem, em níveis diferentes, essas mesmas atividades.

A caracterização inicial da psicanálise winnicottiana, usada como base do ensino na Escola Winnicottiana de Psicanálise e das pesquisas dos membros dos centros e dos grupos da SBPW, foi feita nos trabalhos desenvolvidos no quadro do GFPP, de acordo com uma linha de pesquisa desenvolvida por Zeljko Loparic já em meados dos anos 1980. Tendo fundado, em 1983, no Centro de Lógica da Unicamp, o Curso de Especialização em

Fundamentos Filosóficos da Psicologia e da Psicanálise, Loparic começou a trabalhar a filosofia e a história da psicanálise usando um referencial teórico próprio, elaborado com base na 1) teoria kantiana de resolução de problemas filosóficos e científicos, 2) teoria dos paradigmas e das mudanças de paradigmas nas ciências factuais de Thomas S. Kuhn, inserida no horizonte mais amplo de uma teoria da ciência em geral como atividade de resolução de problemas e 3) fenomenologia heideggeriana da relação do homem ao ser, tomada como base para a desconstrução da metafísica e como ponto de partida para a elaboração de um novo tipo de saber, tanto filosófico como científico, sobre o homem. Kant era empregado para repensar a estrutura da psicanálise freudiana, Kuhn para dar um enfoque metodológico e epistemológico preciso ao estudo do desenvolvimento das teorias e das práticas clínicas psicanalíticas pós-freudianas, e Heidegger para desconstruir os ingredientes metafísicos da psicanálise tradicional e lançar os alicerces filosófico-antropológicos para uma possível ciência psicanalítica pós-metafísica.

Essa linha de pesquisa, enriquecida pelos trabalhos teórico-clínicos de Elsa Oliveira Dias sobre Winnicott, recebeu um impulso decisivo das seguintes descobertas fundamentais, feitas ainda na fase informal da existência do GFPP, no início dos anos 1990, e consolidadas posteriormente: 1) Winnicott abandonou o Édipo como complexo nuclear da psicanálise, substituiu a teoria da sexualidade pela teoria do amadurecimento pessoal e recusou o modo de teorização metapsicológico, de inspiração kantiana; 2) ao fazer isso, além de trazer muitas outras contribuições, Winnicott produziu, por uma operação que pode ser comparada a um *Gestalt switch*, uma mudança do paradigma da psicanálise tradicional e 3) o paradigma winnicottiano da psicanálise, não-edipiano, maturacional e pós-metapsicológico, admite ser aproximado, de maneira frutífera, do pensamento do ser de Heidegger, em

particular, do projeto heideggeriano de uma antropologia científica pós-metafísica, explicitado em *Seminários de Zollikon*, que incluiu uma psicopatologia e uma terapia no quadro de uma antropologia filosófica, cujas bases foram lançadas na analítica existencial de *Ser e tempo*.

Os trabalhos realizados de acordo com essa linha de pesquisa, criada na Unicamp, transferida em seguida para a PUC-SP e continuada atualmente na SBPW, por seus membros e colaboradores, foram divulgados de várias formas – dissertações e teses, livros e artigos em revistas nacionais e estrangeiras. Um número significativo de artigos saiu na revista *Natureza humana*, que, inicialmente, era uma publicação local do GFPP e, posteriormente transformada em revista internacional de filosofia e psicanálise, tornou-se órgão oficial da SBPW e da Sociedade Brasileira de Fenomenologia. Outros artigos encontram-se disponíveis na *Winnicott e-Prints*, revista eletrônica da SBPW, especializada em aspectos teórico-clínicos da psicanálise winnicottiana.

A presente coletânea, que faz parte da Coleção Psicanálise Winnicottiana, da DWW editorial, contém uma seleção de artigos representativos da Escola, escolhidos pelos próprios autores. Vários desses textos foram corrigidos ou parcialmente modificados, pelos próprios autores, para a presente publicação. A normatização foi feita segundo as regras da APA e as datas das publicações originais das obras de D. W. Winnicott seguem a classificação de K. Hjulmand, publicada na *Natureza humana*, v. 1, n. 2, 1999 e também em: <http://www.winnicottnaturezahumana.com.br>.

Os artigos selecionados foram divididos tematicamente em três grupos: os que tratam do surgimento do paradigma winnicottiano, os que articulam essa reformulação da psicanálise e, por fim, os que apresentam casos clínicos ou de outro tipo que

ilustram as ideias de Winnicott. No artigo de abertura, Loparic rerepresenta e desenvolve uma das suas teses principais relativas a Winnicott: a de que este autor, ao operar a mudança paradigmática na psicanálise, alterou a estrutura e os ingredientes do mundo no qual os psicanalistas formulam e resolvem problemas clínicos, bem como o seu modo de ver e de falar. O artigo de João Paulo F. Barretta trata da irritabilidade do aparelho psíquico, um dos conceitos essenciais da teoria freudiana, retomando as críticas apresentadas anteriormente na sua tese de doutorado e baseadas na analítica existencial de Heidegger. Leopoldo Fulgencio, na perspectiva aberta por Loparic, desenvolve uma das teses iniciais e fundamentais da Escola: a de que Winnicott reescreveu a teoria psicanalítica sem recorrer ao modo de teorização especulativo, característico da parte metapsicológica da psicanálise freudiana. Ariadne Alvarenga de Rezende Engelberg de Moraes examina um momento importante da história da psicanálise britânica, a relação entre Winnicott e o assim chamado *Middle Group*. O primeiro grupo temático contém mais dois artigos, nos quais a relação entre Winnicott e Heidegger é estudada por Eder Soares Santos e Caroline Vasconcelos Ribeiro: o primeiro traça um paralelo entre a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal e a fenomenologia da acontecência humana, exposta em *Ser e tempo*, e a segunda, à luz da crítica de Heidegger à psicanálise freudiana, mostra a diferença crucial entre Freud e Winnicott, e, tomando como fio condutor o conceito de “história de vida”, examina a distinção entre começo e origem.

O segundo grupo temático é encabeçado pelo artigo de Elsa Oliveira Dias, que explicita o modo como a teoria winnicottiana do amadurecimento serve de horizonte teórico para a classificação dos distúrbios psíquicos e como esta, por sua vez, orienta o diagnóstico e a tarefa clínica que daí decorre. Seguem-se textos que articulam adicionalmente a versão winnicottiana da teoria

ilustram as ideias de Winnicott. No artigo de abertura, Loparic reapresenta e desenvolve uma das suas teses principais relativas a Winnicott: a de que este autor, ao operar a mudança paradigmática na psicanálise, alterou a estrutura e os ingredientes do mundo no qual os psicanalistas formulam e resolvem problemas clínicos, bem como o seu modo de ver e de falar. O artigo de João Paulo F. Barretta trata da irritabilidade do aparelho psíquico, um dos conceitos essenciais da teoria freudiana, retomando as críticas apresentadas anteriormente na sua tese de doutorado e baseadas na analítica existencial de Heidegger. Leopoldo Fulgencio, na perspectiva aberta por Loparic, desenvolve uma das teses iniciais e fundamentais da Escola: a de que Winnicott reescreveu a teoria psicanalítica sem recorrer ao modo de teorização especulativo, característico da parte metapsicológica da psicanálise freudiana. Ariadne Alvarenga de Rezende Engelberg de Moraes examina um momento importante da história da psicanálise britânica, a relação entre Winnicott e o assim chamado *Middle Group*. O primeiro grupo temático contém mais dois artigos, nos quais a relação entre Winnicott e Heidegger é estudada por Eder Soares Santos e Caroline Vasconcelos Ribeiro: o primeiro traça um paralelo entre a teoria winnicottiana do amadurecimento pessoal e a fenomenologia da acontecência humana, exposta em *Ser e tempo*, e a segunda, à luz da crítica de Heidegger à psicanálise freudiana, mostra a diferença crucial entre Freud e Winnicott, e, tomando como fio condutor o conceito de “história de vida”, examina a distinção entre começo e origem.

O segundo grupo temático é encabeçado pelo artigo de Elsa Oliveira Dias, que explicita o modo como a teoria winnicottiana do amadurecimento serve de horizonte teórico para a classificação dos distúrbios psíquicos e como esta, por sua vez, orienta o diagnóstico e a tarefa clínica que daí decorre. Seguem-se textos que articulam adicionalmente a versão winnicottiana da teoria

psicanalítica. Conceição A. Serralha de Araújo põe em evidência o ambiente e as relações ambientais, as quais, segundo Winnicott, fundamentam as relações objetais, tese que implica ser impossível classificar a psicanálise winnicottiana, junto com a de Klein e de Fairbairn, entre as teorias das relações objetais. Orestes Forlenza Neto revisita outro tema central em Winnicott: o do bebê no colo da mãe e os traumas que podem acontecer nessa situação. Flávio Del Matto Faria explicita a teoria winnicottiana do suicídio, assunto relativo à problemática de aniquilação do indivíduo pelas intrusões ambientais na primeira infância, tal como compreendida por Winnicott e praticamente inexistente em Freud. Claudia Dias Rosa dedica-se ao estudo de um tópico que até o presente momento recebeu pouca atenção nos estudos winnicottianos fora da Escola: o papel do pai no processo de amadurecimento, mostrando ser este, ao lado da mãe, figura essencial na constituição de indivíduos sadios. Vera Regina F. de Laurentiis, tratando da incerta conquista da morada da psique no soma em Winnicott, e Maria Emília Mendonça, abordando a relação entre a psicanálise e a fisioterapia, exploram o tema winnicottiano da personalização, fechando esse grupo de trabalhos com resultados que vão além da clínica psicanalítica propriamente dita e que chamam por confrontações adicionais de Winnicott com outras áreas, entre elas a das práticas preventivas e da medicina, em particular, a psiquiatria e as neurociências.

O último grupo temático consiste de estudos de casos entendidos como exemplares do paradigma winnicottiano, isto é, como exemplos de soluções bem-sucedidas de problemas clínicos tratados ou examinados à luz da psicanálise winnicottiana. O artigo de Gabriela Galván reconstrói aspectos centrais de um dos casos clínicos mais importantes relatados por Winnicott, o caso B, mostrando a conexão entre uma mãe perfeita e as distorções na constituição do si-mesmo. O artigo coletivo de Cecilia Luiza

Montag Hirschzon, Maria Cecilia Schiller Sampaio Fonseca e Maria Lucia Toledo Moraes Amiralian apresenta a aplicação clínica de mais um conceito original de Winnicott: o dos elementos masculino puro e feminino puro. Maria de Fátima Dias lança luz sobre um procedimento fundamental da clínica winnicottiana, o manejo, mediante o relato minucioso de um caso clínico, o de Philip, de 9 anos, em que a família do menino assumiu o tratamento, sendo orientada de perto por Winnicott. Roseana Moraes Garcia, a propósito do tratamento da tendência antissocial, apresenta uma das mais importantes inovações trazidas por Winnicott para a clínica psicanalítica: as consultas terapêuticas, ilustrando-a com um bem-sucedido caso, de sua clínica, de uma menina de 8 anos. Alice McCaffrey Busnardo traz outro caso clínico relativo à mesma área, discutindo as repercussões da atitude de cuidado no início do tratamento de sintomas antissociais. Maria Lucia Toledo Moraes Amiralian mostra a relevância da teoria winnicottiana do amadurecimento a um campo não estritamente psicanalítico: a construção do eu de crianças cegas congênicas. Edna Pereira Vilete examina a experiência vivida e contada pelo escritor William Styron à luz dos conceitos winnicottianos de colapso e de angústia de aniquilamento, assim como as condições que presidiram a sua recuperação. Por fim, Alfredo Naffah Neto analisa um caso que ilustra a função do falso si-mesmo (*self*) na produção de uma artista excepcional: Maria Callas.

Os trabalhos reunidos nesta coletânea são apenas uma pequena amostra da produção dos membros da Escola. A totalidade do material encontra-se disponível nas fontes mencionadas e pode ser identificada nos CV Lattes dos autores contribuintes, bem como no portal da SBPW: www.sociedadewinnicott.com.br. Mesmo assim, acreditamos que o leitor encontrará, neste volume, dados e argumentos suficientes – baseados nas análises internas da obra de Winnicott tomada no seu todo (esse modo de proceder é um dos

traços distintivos da Escola), nos estudos da história da psicanálise, nas implicações filosóficas da psicanálise winnicottiana e, por fim, no material clínico particularmente abundante – para, como indicado anteriormente, caracterizar a contribuição de Winnicott como uma mudança do paradigma da psicanálise, entendendo-se por psicanálise a atividade de resolução de problemas factuais de um determinado tipo, a saber, de problemas clínicos.

Em virtude desse resultado fundamental, a leitura de Winnicott praticada na Escola de São Paulo difere em pontos essenciais de várias outras linhas de interpretação encontradas na literatura secundária. Em primeiro lugar, a afirmação de que Winnicott produziu um novo paradigma da psicanálise implica que ele elaborou uma *teoria própria*, a qual, assim como a de Freud, cobre o campo inteiro da psicanálise de modo unitário e articulado – tese que contradiz todos aqueles, e eles não são poucos, que negam ter Winnicott uma teoria, chegando mesmo a afirmar que seu pensamento é apenas fragmentário.

Em segundo lugar, embora Winnicott siga Freud ao apresentar a psicanálise como uma ciência, uma diferença importante separa esses dois autores: enquanto Freud constrói a sua disciplina – e a psicologia no seu todo – como *ciência natural*, tendo como objeto central de estudo as pulsões, entidades análogas a forças naturais da física newtoniana, que agem no interior de um aparelho psíquico pensado segundo o modelo de uma máquina hidráulica ou de uma entidade biológica, Winnicott toma como objeto de estudo e de cuidado a *natureza humana*, que não se manifesta como uma entidade natural movida por forças, mas como algo que emerge do nada, preserva a solidão como traço essencial e inerente, tende a integrar-se numa unidade, para, caso conte com a facilitação ambiental, tornar-se um ser existente personalizado, capaz de agir no mundo e até se dar ao luxo de morrer. Essas são as teses

pelas quais Winnicott reposiciona a psicanálise no campo das ciências factuais: a psicanálise pertence agora ao grupo de ciências humanas, mais precisamente, ao campo da antropologia, distinto da psicologia quer naturalista quer não naturalista (por exemplo, a fenomenológica).

Em terceiro lugar, a psicanálise winnicottiana é uma ciência essencialmente clínica, ou seja, ela é elaborada a partir de problemas que surgem na clínica psicanalítica – seus conceitos, afirmações e procedimentos só têm sentido no domínio constituído por esse material – e é destinada a guiar a resolução desses problemas, isto é, a cura.

Em quarto lugar, por ser uma ciência clínica, a psicanálise winnicottiana não faz nem pretende fazer nenhuma contribuição direta – Winnicott deixa isso muito claro – à filosofia, à religião ou à poesia. Essa constatação contraria, portanto, os leitores que não veem em Winnicott um cientista, mas um pensador filosofante, como se produzir teorias científicas impedisse de pensar. Ela tampouco deixa espaço para as teses que misturam Winnicott com os místicos religiosos em busca do infinito. Opõe-se, por fim, a todas as tentativas de colocar a sua obra no âmbito da ficção literária. A literatura, em particular a poesia, dá-nos acesso a toda verdade num *flash* – Winnicott concede e valoriza esse ponto, mas adverte que, diferentemente da verdade científica, a verdade poética não permite acordos intersubjetivos, nem aplicações no agir humano, inclusive nos procedimentos de cura.

O essencial da contribuição da Escola Winnicottiana de São Paulo aos estudos winnicottianos pode ser resumido da seguinte forma: a obra de Winnicott constitui um passo decisivo no progresso da ciência psicanalítica, da sua forma inicial elaborada por Freud para uma matriz disciplinar que permite resolver um número de problemas clínicos significativamente maior, e

desenvolver práticas de prevenção e de intervenção social. Como toda produção que modifica de maneira significativa a direção da pesquisa numa determinada área, a dos autores reunidos no presente livro suscitou resistências e ganhou adesões. Os dois lados, cada um a sua maneira, contribuíram para aumentar o impacto da Escola no campo de estudos sobre a história e o estado atual da psicanálise tanto no Brasil como no exterior. Sem dúvida, muitos aspectos do pensamento winnicottiano requerem articulação e desenvolvimento adicionais. Urge ainda expor a psicanálise ao diálogo com as ciências do homem de diferentes perspectivas teóricas, promovendo assim uma reflexão sobre o futuro da disciplina fundada por Freud. O reconhecimento dessas tarefas, entre várias outras, faz deste volume apenas um marco num caminho que se estende indefinidamente, para o desconhecido.

Elsa Oliveira Dias
Zeljko Loparic